



O CERCO DE SEVILHA NA PRIMEIRA CRÔNICA GERAL DE ALFONSO X, O SÁBIO.

Rodrigo Cardoso Polatto (PIBIC-UEM), Jaime Estevão dos Reis (Orientador) e-mail: jaimeestevaoreis@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá/ Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/ Departamento de História/ Maringá, PR.

Ciências Humanas – História.

Palavras-chave: Reconquista, Fernando III, Guerra

Resumo:

A pesquisa teve por objetivo o estudo do cerco realizado à cidade de Sevilha durante a guerra da Reconquista analisando as táticas e estratégias usadas pelo monarca Fernando III durante o cerco dessa cidade. Dessa maneira, usamos como fonte a *Primera Crónica General de España*, escrita pela corte de Afonso X de Castela e Leão por volta de 1270 e 1274, interrompida e retomada em 1284. Este documento narra, dentre outros fatos, os anos finais do reinado de Fernando III e suas conquistas frente aos mouros até a sua morte em 1252.

Introdução

No século VIII teve início na Península Ibérica um processo que não terminaria até 1492, esse processo viria a se chamar Reconquista, a luta empreendida pelos cristãos ibéricos para expulsar os mouros de seu território.

A Reconquista é um processo complexo, tido como marco conceitual aos historiadores, em que cada um de seus aspectos: religiosos, políticos, sociais e econômicos são fundamentais para a compreensão desse período histórico.

A pesquisa tem o seu foco no século XIII, o período mais significativo do processo, em que a reconquista toma novo fôlego e entra na sua reta final com Fernando III. Tido como grande empreendedor da reconquista, Fernando III, viria a ser chamado pelo epíteto de “Santo”, depois de ascender a trono Castelhana em 1217 e, após uma série de vicissitudes, uniu os reinos de Castela e Leão em 1230 e iniciou suas investidas contra os mouros, recorrendo desde a guerra de assédio, acordos políticos até mesmo



os cercos, para cumprir a expulsão dos infiéis do território ibérico. Após as conquistas das cidades de Córdoba em 1236, com a qual conseguiu a tributação de mais cidades muçulmanas e de Jaén em 1245, os castelhanos iniciaram o cerco à Sevilha em 1247, até então uma das mais importantes taifas muçulmanas, descrita na Primeira Crónica Geral como a nobre capital de todo o reino da Andaluzia (ALFONSO X, 1955, p. 767).

Materiais e métodos

Para cumprir com a proposta da pesquisa usamos como fonte a Primeira Crónica General de España, escrita por especialistas a mando de Alfonso X, em língua vulgar no lugar do latim, que era a língua usada no estilo cronístico até então. A obra relata desde a Antiguidade Clássica até a época de Fernando III e sua morte em Sevilha em 1252, assumindo para si a característica de História Universal, comum às Crônicas. É perceptível na redação do documento o caráter de destaque à figura de Fernando III.

Ao analisar a fonte levamos em conta o documento como algo que não se explica por si mesmo, mas que é necessário questionar e investigar, com cautela e responsabilidade, sempre levando em conta o seu contexto histórico e analisando o círculo social do autor, público ao qual a obra se dirigia e, quem a encomendou. Esses elementos permitiram um entendimento contextualizado da fonte analisada.

A fim de ampliar as análises e garantir um trabalho mais completo, fizemos também um levantamento da bibliografia sobre a Reconquista, assim como do período específico de Fernando III e Alfonso X. A leitura de autores como Derek W. Lomax, Jaime Estevão dos Reis e Augusto João Moretti Junior, foram fundamentais para a discussão e a problemática da pesquisa.

Resultados e Discussão

O período medieval não é caracterizado por batalhas campais, sendo raros os casos em que acontecia. É inevitável que as limitações dos recursos econômicos e tecnológicos da sociedade medieval acarretaram a impossibilidade da realização de esforços militares intensos e prolongados, o que nos permite entender a forma de guerrear da idade média (MORETTI, 2015, p.18)

As maiores partes das campanhas aconteciam no verão e no outono, mas não eram estranhos ataques surpresas em outras estações. Segundo Derek W. Lomax, os castelos que protegiam as estradas mais importantes variavam de tamanho, indo de simples torres de vigilância até gigantescas fortalezas. Estes castelos constituíam um refúgio para a população local no



caso de invasores, no entanto necessitava de muralhas fortificadas, uma torre, habitações, homens, armas e água para fazer frente a um cerco.

Quase toda cidade poderia resistir a um assédio de curta duração. Poucos exércitos sitiadores conseguiam esgotar uma cidade em uma única campanha. O Processo de conquista se dava em três etapas: primeiro se faziam incursões pelo território que circunda a cidade, a atingindo economicamente, uma vez que o espaço urbano depende dele, além da consequente destruição de plantações, moinhos, torres etc. A seguir se dava a captura dos castelos das cercanias, a fim de tomá-los como base de saques mais efetivos e cortar abastecimentos, com a zona rural já devastada e, esgotados os suprimentos urbanos começa o assédio formal, contando com que a fome renda os sitiados antes que acabem os suprimentos dos sitiadores.

Sevilha no momento de seu cerco era a maior cidade da Europa Ocidental e era defendida por uma rede de fortalezas, havia estaleiros, mestres armeiros e engenheiros militares versados na utilização de fogo gracioso. Porém, a maioria da população era pacífica em contraste aos cristãos belicosos, habituados à guerra.

Fernando III começou a campanha em setembro de 1246, arrasando os arredores de carmona e conquistando territórios estratégicos. Fechou a comunicação de Sevilha tanto por água como por terra, mandando buscar o mercador Ramon Bonifaz com suas frotas (ALFONSO X, 1955, p. 750). Sevilha já se encontrava cercada pelo leste e pelo norte e, não contava com mais meios de comunicar-se com território muçulmano. As lutas contínuas foram eliminando as frotas sevilhanas. A cidade acabou relegada à própria sorte, sem apoio externo e com os armazéns públicos vazios. Após várias negociações, os muçulmanos aceitaram as condições impostas. Sevilha se rendeu em 23 de novembro de 1248.

Conclusões

A Reconquista, processo que levou sete séculos até o seu fim e, que representou a troca definitiva do poder político da Península Ibérica dos árabes para os cristãos, teve seu período de maior vulto, no século XIII com o monarca Fernando III, que após sucessivas vitórias frente aos mouros, empreendeu a ambiciosa missão de reconquistar Sevilha dos usurpadores mouros, mostrando grande perícia tanto na política como na arte de fazer a guerra. Depois da conquista de Sevilha a balança pesou para o lado cristão, sendo apenas uma questão de tempo até a conquista total da península pelos cristãos.



Agradecimentos

Agradeço à fundação Araucária, pelo patrocínio da pesquisa, ao meu orientador Dr. Jaime Estevão dos Reis por ter me dado a oportunidade de realizar a pesquisa e ao Augusto João Moretti Júnior pelas valiosas indicações de leituras.

Referências

ALFONSO X. **Primeira Crónica General de España que mandó componer Alfonso el sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289.** Madrid: Editorial Gredos, 1955.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M. **Fernando III el Santo: el rey que marcó el destino de España.** Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2006.

MORETTI JUNIOR, A. J. **Teoria e prática da guerra no Reinado de Fernando III (1217-1252).** 2015. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

LOMAX, D. W. **La Reconquista.** Barcelona: Crítica, 1984.

REIS, J. E. **Território, Legislação e Monarquia no Reinado de Alfonso X, o Sábio (1252-1284).** Assis: UNESP, 2007. Tese de Doutorado.